

ESPOROTRICOSE: UMA ZOONOSE REEMERGENTE NO NORDESTE DO BRASIL E O SEU CONTROLE NO CONTEXTO DA SAÚDE ÚNICA

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2^a edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

SIEBRA; Carolina Costa ¹, MACHADO; Márcia Cristina Macêdo ², SILVA; Larissa Feitosa ³, ROCHA; Flora Frota Oliveira Teixeira ⁴, ANDRÉ; Weibson Paz Pinheiro ⁵

RESUMO

Introdução – A esporotricose é uma saprozoonose e antropozoonose de caráter crônico granulomatoso, prevalente em países tropicais e subtropicais, que é ocasionada pelos fungos dimórficos *Sporothrix schenckii* e *Sporothrix brasiliensis*. Os fungos podem apresentar-se na forma filamentosa ou na forma leveduriforme, dependendo da temperatura do ambiente contaminado. *Sporothrix* spp. tem como hospedeiros felinos, cães, equinos, bovinos, suínos, camelos, primatas e humanos. Nos animais os principais sintomas apresentados são alterações cutâneas; já em humanos, ocorre principalmente a infecção cutânea localizada, podendo haver comprometimento linfático na região e, dependentemente do grau de imunodeficiência do paciente, pode ocorrer a disseminação do fungo, afetando pulmão, ossos e articulações. Os felinos são os principais transmissores da esporotricose, principalmente devido a hábitos naturais da espécie como afiar garras em troncos de árvores; escavar e encobrir dejetos com terra; brigas com outros animais, em especial devido a disputa territorial ou durante o acasalamento; entretanto, a doença também pode ser transmitida por fômites e alimentos contaminados. A esporotricose é um problema de saúde pública no Brasil, e a subnotificação de casos da doença, principalmente na região Nordeste do Brasil, é um dos principais problemas enfrentados durante a implementação de medidas de controle. **Objetivos** – Descrever os casos de esporotricose em animais e seres humanos no Nordeste do Brasil. **Método** – Foi realizada uma revisão narrativa de literatura sobre a esporotricose nas seguintes bases de pesquisa: Scopus, SciELO, Google Scholar; utilizando os seguintes descritores: “sporotrichosis”, “Brazil”, “zoonosis”, “animals”, “feline”, “human”, “esporotricose”, “zoonose”, “felino”, “humano”, “nordeste”. **Resultados** – No Nordeste do país, não é possível realizar um balanço epidemiológico da doença devido a subnotificação dos casos. Embora na medicina veterinária a esporotricose seja uma doença de notificação obrigatória, muitos veterinários não conseguem realizar o diagnóstico correto da doença; e, em humanos, essa enfermidade não é de notificação obrigatória na maioria dos estados, com exceção do Rio de Janeiro e Pernambuco. Casos de esporotricose felina foram diagnosticados nos estados do Pernambuco e Paraíba nos anos de 2015 e 2019, respectivamente. Um estudo realizado no período de 2014 a 2016 na cidade de Recife, Pernambuco, e na sua região metropolitana, avaliou 115 amostras de suabes de exsudato de lesões cutâneas de felinos com suspeita de esporotricose, obtendo resultado de 51,3% de amostras positivas. Em relação aos casos humanos, a região Nordeste demonstrou um recente aumento do número de casos entre os anos de 2015 e 2019. Um estudo epidemiológico na cidade de João Pessoa, Paraíba, constatou que 600 pessoas foram atendidas com a doença no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) entre 2018 e novembro de 2019, sendo obtidos 329 exames confirmatórios da doença. Em 2020, na cidade de Caruaru, Pernambuco, foi observado um caso positivo para esporotricose, onde uma proprietária de um felino infectado apresentou lesão única inflamada e gomosa no dedo polegar e braço edemaciado, após mordedura e arranhadura do animal. Para o controle da esporotricose deve-se impedir o livre acesso de felinos domésticos à rua, assim como a castração desses animais para evitar o aumento da

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), carolinaciebra@gmail.com

² Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), marciacacedom@gmail.com

³ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), larafeitosa@hotmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), florafrotatf@gmail.com

⁵ Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), weibsonpaz@leaosampaio.edu.br

população de animais errantes. Médicos veterinários, auxiliares veterinários e estagiários devem utilizar equipamentos de proteção individual (EPI) ao manuseio destes animais sempre que estes apresentarem lesões cutâneas. Animais doentes devem permanecer em isolamento até a cura da doença para evitar a contaminação de outros animais. Após o atendimento ou internação de animais contaminados, faz-se necessária a limpeza do ambiente e equipamentos utilizando hipoclorito de sódio na concentração 1%. Em casos de óbito, os animais devem ser descartados corretamente. Animais infectados não devem ser abandonados, pois haverá a disseminação da doença para animais sadios. Tutores ou pessoas que possuírem contato com felinos, ou ainda, pessoas que tiveram algum trauma a partir de acidentes com espinhos, palha ou lascas de madeira, ou que possam ter ingerido alimentos contaminados, devem procurar assistência médica caso apresentem lesões não cicatrizantes, assim como sintomas como tosse, falta de ar, dor ao respirar, febre, inchaço e dor nos ossos e articulações. Os profissionais da saúde devem fazer uso de EPI. Ademais, deve-se enfatizar a questão da notificação da doença aos órgãos responsáveis para que seja possível controlar a disseminação da doença. **Conclusão** – Tratando-se de uma zoonose que apresenta grande impacto na saúde pública e que não possui vacina para controle da doença nos seres humanos e animais, é fundamental que seja realizada a notificação dos casos tanto em animais quanto em seres humanos para que sejam adotadas medidas de controle e prevenção para a esporotricose.

PALAVRAS-CHAVE: Felinos, Saúde Pública, Sporothrix sp.

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), carolinasidebra@gmail.com
² Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), marciacmacedon@gmail.com
³ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), lalafeitosa@hotmail.com
⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), florafrotaff@gmail.com
⁵ Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), weibsonpaz@leaosampaio.edu.br